

Semanário de grandes reportagens

N.º 3

1\$00 Esc.



NÊSTE NÚMERO

«Uma fábrica de nobrezas»; «Os sêlos aéreos ou a fortuna ao nosso alcance»; «Os internacionais suspeitos de Lisboa»; «Os monstros»; «Uma reportagem do Pôrto»; «Lisboa, gare mundial de aviação, etc.



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional - 21 e 30 - Repertório diariamente variado.
Avenida - 21 e 30 - «Novos e Velhos»
Gimnasio - 21 e 30 - A cançonetista Lúcia Esteves
Variedades - 20 e 30 e 22 e 45 - «O Aldrão»
Coliseu - 20 e 30 e 22 e 45 - «O Fim do Mundo»

Cinemas

São Luiz - 15 e 21 e 30.
Tivoli - 15 e 21 e 30.

Condes - 15 e 21 e 15.
Central - 15 e 30 e 21 e 30.
Olimpia - Das 15 e 30 às 0.
Capitôlio - 21.
Chiado Terrasse - 15, e 21 e 15.
Odeon - 15 e 30 e 21 e 30.
Lys - Das 14 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris - 20 e 45.
Salão Portugal - 15 e 21.
Palatino - 21.
Palácio - 21 e 15.
Europa - 21.
Royal - 15 e 21 e 15.
Eden-Cinema - (Rua do Aleito) - 21.
Promotora - (Largo 20 de Abril, ao Calvário) - 21.

Imperial - (Rua Francisco Sanches).
Salão da «Voz do Operário» - 21.
Cine Oriente - (Penha de França).
Salão Ideal - (Loreto).
Cine Rossio - 21.
Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).
Pavilhão Português - (Par. Mayer) - 21.
Max-Cine - (Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema - As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concerto - 14 e 45 e 20 e 45.
Bélgica Cinema - (Rua da Beneficência, ao Régio) - 21.
Espianada Vitória - (Rua Alves Torgo).
Cine Salão Braço de Pata - A's quartas e domingos.

**Rapidez
perfeição
economia**



SÓ NA



Imprensa BELEZA

R. da Rosa, 99 a 107

Telefone 2 1622 — LISBOA

TODOS A PREFEREM!

Coquetterie precoce

pelo

Reportagem

O Ximenes, com as suas prosápias e pelinhras mental; mestiço em ideias, farfalhão em palavras — é um símbolo da época. Encontramo-nos a descer o Chiado — à hora em que as damas se pavoneiam num rítmico cortejo de «girls» de «feeries». Talvez por não vir à capital há dois anos — alertei-me ante um detalhe que retinhi, dentro de mim, como um alarme... E que, juntamente com esses bandos, galantes, vistosos, de mulheres recortadas dos jornais de modas — passavam garotas de quinze, catorze — e talvez doze anos apenas, — e muitas — saracoteando-se no mesmo coquetismo berriante, teatral, chamativo como uma campainha de cinema, fregolizadas com «toilettes» iguais às das damas. Recordavam aqueles petizes que os papás, pelo Entrudo, vestem com a farda de general ou de bombeiro ou com a púrpura cardinalícia ou ainda com as pompas de uma Madame Pompadour...

Bastava este aspecto exterior — carnavalesco — para confranger... Sou dos que creem que o «hábito faz, quasi sempre, o monge» e que o falo influe intensamente na psicologia e no pensamento de quem o envergua. Aquelas crianças — como crianças deviam pensar, olhar a vida que se desdobrava à volta, saborear as guloseimas inocentes da sua meninice — se as vestissem como tal. Assim, artificializadas em pessoas crescidas, macaqueando, no trajar, as manas já mulheres ou as mães, tinham, forçosamente, de abalar, a meio do ingénua encantamento, o seu ingénua paraizo das despreocupações e da alegria sem juro — para se aleijarem, se deformarem em moldes duma personalidade que não correspondia ao seu desenvolvimento mental ou psíquico; pensando e agindo como mulheres, e apressando-se, com um enorme avanço de anos, na escola das vaidades e do coquetismo.

Mas mais grave do que os trapos com que luxavam — era o carnavalesco dos seus rostos, sarapintados já de maquilhagens, maculados de «batons» e carmins... Pasmeei como um provinciano recém-desembarcado — lastimando, em voz alta, o crime moral, consciente ou inconsciente, que aquelas mães cometiam...

O Ximenez, acertando o monóculo, exclamou, entre empolado e irónico: «— E és tu um escritor, um artista, um avançado em ideias, um esteta nos gostos — e protestas contra esta demonstração de precocidade do instinto da beleza?! Que diferença encontras entre um Mozart que, aos dez anos, improvisa, num cravo, melodias sublimes, e essas pequenas que, pelo mesmo milagre de vocação, compõem já uma

harmonia, criando no trajo e no arranjo do rosto, uma obra de arte?

«— Mas tu pensas — ripostei eu — que essas garotas se enrouparam e se pintam assim — espontaneamente, saciando uma nobre, intuitiva e precoce aspiração de beleza — como Mozart ao escutar as harmonias que o seu espírito sussurrava? Ora, meu amigo... Em primeiro lugar são as mães, a quem a satisfação das suas próprias vaidades não basta, que as contagiam; são elas quem lhes escolhem os modelos e as ensinam a vestir-se, a compôr-se, a maquilhar-se — todos os segredos, em suma, da arte da exibição, de agradar, de ser notada... Portanto não intervem em coisa alguma o precoce instinto de beleza — caso êle existisse. São apenas manequins que outros enfeitam, mostram que outros recheiam...

«Desfeita assim a única atenuante com que defendias essa mascarada — vejamos agora os prejuízos, os perigos com que ela ameaça essas pequenas. Como já disse antecipam-lhes as preocupações mundanas, cultivam-lhes as ambições de luxo, apressam-lhes a vaidade de serem admiradas, lisongeadas, olhadas com um interesse que nunca pode ser o que uma criança desperta num adulto, pela sua frescura natural, pela sua inocência, pela sua «creancice»... E que reflexo infalível produz, na alma dessas garotas, a adulação dos franganotes e até dos homens a quem o disfarce iluda e faça errar no cálculo da idade? Naturalmente a precoce desenvoltura de todos os defeitos morais das mulheres vaidosas, desorientando-as moralmente e colocando-as, pela sua inesperienza de crianças, à beira de todos os abismos...

«— Isso é moralidade à moda do Minho! — chacoteou o Ximenez. — Lá fora, as raparigas...

Cortei-lhe a frase: «— Enganas-te! Lá fora persegue-se a precocidade — como aqui a provocamos. A meninice prolonga-se para muito além da juventude. Podem as raparigas, ao fazerem-se mulheres — tri-

lharem alhos pouco de acôrdo com a nossa moral; mas a verdade é que são crianças de tranças caídas, saias curtas, saltos razos, brincando com bonecas ou exercitando-se em jogos de desporto, sem outra vaidade que não seja a da higiene do corpo, o do asseio do trajo — quasi sempre duma simplicidade ingénua; sem outras maquilhagens que não sejam as das côres sãdas, as da pureza do olhar — porque o maior encantamento duma criança é o seu próprio perfume, a sua inocência, a sua frescura, a sua ignorância das fraquezas que gafam as pessoas crescidas. — E por isso, essas garotas — francesas ou alemãs ou inglesas — quando atingem a idade de viver com mulheres — conservam intacto o imenso tesouro da sua sensibilidade...

«Mas de outro perigo social podemos acusar essas mães vaidosas, autoras desta carnavalesca: a de desmoralizarem os moços — e até alguns homens de frágil carácter — fazendo-lhes perder aquele respeito, sagrado e íntimo, que as filhas, como crianças que tal aparentassem, deviam impôr-lhes...

«Certos pais queixam-se de que uma menina não pode sair à rua, sem sofrer as azagaias grosseiras dos quebrá-esquinhas; não seria mau dizer a esses pais que a tolerância com que aceitam o fregolismo «coquette» das filhas, muito concorre para o cultivo dessa incorrecção dos lisboetas...

Ximenez não insistiu — e fez bem; de contrário este artigo seria mais longo. Os leitores que lhe agradeçam...

UM AVISO...

Os «X X» de latão ou os falsos repórteres do nosso jornal

Já por várias vezes chegou ao conhecimento desta redacção que determinados individuos, arrogando-se indevidamente a qualidade de redactores ou repórteres do «X», têm procurado, com fins suspeitos, diversas individualidades, sob o pretexto de realizarem imaginárias entrevistas e reportagens.

Ultimamente, um conhecido médico italiano residente em Lisboa, foi procurado por um dos tais individuos.

O objectivo destas sortidas conserva-se, por enquanto, ainda nebuloso, para nós, não sendo porém, difícil adivinhar a intenção com que são feitas...

Aos incautos aqui deixamos o aviso: Todos os funcionários do semanário «X» possuem um cartão passado pelo nosso Director, que serve para os identificar e devem apresentar sempre que lh'os exijam.

O ducho do sábio distraído...



— O senhor, chamou?...
— Chamei, sim! Traze-me o chapéu de chuva...

(Do London Opinion)

Montras de Livraria

A eterna falta de espaço (ou excesso de assunto) obriga-nos a adiar ainda uma vez a nossa secção «Montras de livraria» — à espera da qual se encontram já vários «vient-de-paraitre» como «O Papa do Mar», de Vicente Blasco Ibanez, tradução de Agostinho Fontes e edição da Livraria Peninsular; «Motivos de Teatro», de Augusto Ricardo (edição de Nunes de Carvalho), etc., etc.

Que os nossos leitores tenham um pouco de paciência — até ao próximo número.

Uma "fábrica" de títulos,

ESTA trapaça está agora em foco — mas é quasi tão velha e mo a vaidade humana. Cagliostro, o celebre mystificador do século XVIII, que privou com monarcas e fanatizou multidões — praticou-a larga e audaciosamente, durante o circulo da sua vagabundagem à volta do globo, ludibriando meio mundo... Engodava as victimas iludindo-as com a sua famigerada «Maçonaria Egipcia» — o que lhe valeu, mais tarde, o estrebuchar na perpetuidade dum cárcere do Santo-Officio romano...

Cagliostro foi, pois, um dos percursores da exploração à vaidade...

«Fabrico», em série, de nobrezas e insignias

Uma burla gemea, organizada «à moderna», foi agora revelada em Inglaterra.

Trata-se do «fabrico», em série, dos mais honrosos títulos nobiliárquicos, de pomposas condecorações, títulos, diplomas, etc., para consumo nacional e «exportação universal», destinados a serem exhibidos nos salões mundanos, fazendo estoirar de vaidade os cavalheiros que se deixam ludibriar por essa pura ficção.

A sede deste «negócio» internacional encontra-se em Paris, instalada sumptuosamente num dos bairros mais aristocraticos. O inventor desta mystificação é um personagem enigmático — que usa, como cartaz, os títulos de Marquês de Champvans de Faremont.



Lord Tirrel diz ao «marquez»: — Tenho medo de que nada se possa fazer para evitar a perniciosa actividade deste cavalheiro...

Nos cartões de visita acrescenta várias iniciais que significam ser sócio da «Real Academia Hispano-Americana de Ciências e Artes» e da «Academia Pontificia da Imaculada Conceição». Além disso diz-se Presidente do «Instituto Artístico e Literário da França», chefe europeu do «Colégio de Armas de Nobreza de Quebec» (como se no Canadá... nobreza!) e não sabemos quantas coisas mais.

diplomas e medalhas

O marquez Faremont, émulo moderno de Cagliostro. — Como e quem descobriu a trapaça. — As informações de lord Tirrel, embaixador inglês em Paris. — Institutos, Academias e uma máquina de produzir fidalguias. — As victimas do sr. Marquez em Portugal

Mas é deveras engenhosa a forma como o sr. marquez urdiu o seu «negócio».

Como se descobriu a falcatúra

Há já algum tempo que o «Foreign Office» — o Ministério dos Estrangeiros inglês — ia compondo um dossier com extranhos documentos relativos à actividade de Faremont. O último constava de uma carta dirigida ao coronel Watson — assim redigida:

«Tenho a honra de informar V. que o nosso conselho resolveu nomeá-lo sócio-correspondente deste Instituto.

«Os sócios-correspondentes são dispensados de pagarem qualquer quota anual — devendo apenas contribuir com a simples quantia de 25 shellings.

«Devo acrescentar que limitamos ao minimo as nomeações de sócios-correspondentes. Caso V. deseje submeter alguma das suas obras ao nosso comité de leitura estou à sua inteira disposição. Esse comité tem o poder de conferir o titulo de «escritor laureado» com as respectivas medalhas aos autores que selecciona.»

A carta era redigida num papel artisticamente timbrado, do «Instituto Literário da França» — e assinada pelo «Marquês de Champvans de Faremont». Acompanhava-a uma cópia dos estatutos, informando que o sócio era nomeado por um diploma que o Presidente e o Secretário Geral firmavam, levando ainda o selo branco do Instituto. Além dos 25 shellings iniciais (150 escudos), os sócios deviam desembolsar três guineos (370 escudos) pelas insignias, fitas, etc..

Alertado por esta última prova, o Ministério dos Estrangeiros encarregou lord Tirrel, embaixador britânico em Paris, de esmiuçar este caso. E o embaixador rapidamente informou o ministro... O tal marquez era desconhecido em absoluto — assim como o seu aristocratico titulo... Quanto aos cargos que dizia exercer em vários institutos — conseguira-os por... auto-nomeação — visto que essas instituições não só não tinham a minima categoria — como eram quasi exclusivamente compostas... pelo dito marquez!

Fidalgos... «à la minute»

O processo que o cavalheiro usa para lançar a rede — também é digno de registro.

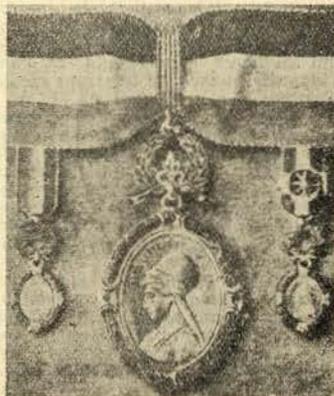
Dispõe êle de listas de sócios dos

principais grêmios literários, artísticos e científicos do estrangeiro, sobretudo de Inglaterra, e delas tira os nomes de maior destaque.

Com qualquer pretexto e pompeando a sua impopularidade social começa a carrear-se com êles até que, um dia, como quem oferece uma prenda preciosa, os nomeia sócios de um dos seus Institutos ou Academias, sublinhando que são poucas as vagas e mui disputadas, para assim valorizar a «distinção» e mais facilmente lhes impingir diplomas, insignias, etc. — a troco das quantias tarifadas, já se vê!

Na Inglaterra onde o escandalo esloirou primeiro, com estrepito, enchendo de ridiculo os... «agraciados», contam-se, entre numerosas victimas do sr. marquez, um general, um architecto de fama, vários fidalgos autenticos — além de algumas dezenas de eclesiasticos, de escritores, artistas, etc.

Um outro ramo da industria do sr. marquez é a de títulos e «cartas de nobreza» forjadas no seu «Colégio de Armas de Nobreza» — que vende a altos preços. Os aspirantes a «nobres» têm apenas de lhe fornecer uns documentos (ou cópias), acompanhadas da soma fixada. A seguir reúnem-se os dignitários do Colégio — um chanceler, um bacharel de Heraldica e um Registador Geral — que logo lhes concedem os certificados de nobreza e respectivos titulos. A audacia deste fabricante de fidalgos atinge por vezes o inverosimil — chegando a garantir aos seus... clientes que, se fôr preciso, defenderá legalmente a legitimidade dos titulos que o Colégio conferir!



Três guineus é quanto custam estas insignias e a respectiva fita do Instituto Artístico e Literário da França...

Mais: evoca, como exemplo, o nome de um ex-presidente qualquer do Supremo Tribunal de Nova York — a quem êle, com uma penada, transformou em Conde e Grão-Cavaleiro da Cruz da Sãnda Ordem do Sepulcro de Jerusalem!

A actividade do sr. Marquez em Portugal

Em Portugal não seria difficil de encontrar alguns burlados por este explorador da Vaidade Humana. Não é raro ver-se nos jornais a noticia de que certos individuos foram eleitos sócios de determinados Institutos e Aca-

(Continua na pág. 15)

QUE
SERÁ...



A visão dum dos nossos melhores aviadores sobre o futuro «transbordo» das dezenas de linhas de aviões. — A chegada e partida dum aparelho, de quarto em quarto de hora. — 15.000 viajantes de passagem pela capital, cada dia.

MEIA noite... O recinto, um enorme redondel, constelado pelos inquietos focos luminosos que se empoleiraram em gigantescos postos — pequenas torres Eiffel — e que golfam, para o céu, jactos de platina — parece um lago de águas cristalizadas pelos reflexos que do céu tombam... Esse redondel de imenso diâmetro está tracejado por largas linhas de côres vermelhas — que ensangüentam o solo... Paralelas — mas distanciadas dessas linhas — desdobinam-se gradeamentos... Nas entradas desses corredores erguem-se bandeiras fixas, ponteadas de luz, dizendo: «Linha Escandinava...», «Linha Oriental», «Linha de Londres»... No solo cavam-se alcapões, com escadarias em espiral que conduzem a vastos subterrâneos — e estes aos imensos «hall» que circundam a pista... Como que dependurados no espaço, enormes «placards» bordam, electricamente, a côres várias, as horas das chegada e partida... «O Expresso D. de Paris, partiu às 11 e 10 de Madrid»... «O rápido de Havana tem uma hora de atraso»... Entretanto os «alto-falantes» berram as notícias mais urgentes... «O directo de Buenos-Aires e Rio de Janeiro foi avisado pelo nosso posto Z...» — «Os passageiros para Nova York têm 15 minutos para embarcar...».

«Pela pista formiga uma multidão atarefada... Individuos uniformizados num modelo misto de militar e de chefe de estação, dão ordens rápidas, energicas... Trilam apitos — gemem serreas... Sub-chefes de serviços correm de corredor, para corredor, numa záfama constante... Moços enroupados de oleado branco, guiam vagonetas automáticas — ajoujadas de malas bem forradas, que os rótulos dos grandes hotéis de todos os continentes, os «Palaces», de Nice e de Berlim; os «Ritz», de Varsóvia e Bucarest; os «Excelsior», de Roma e do Cairo; os «Rivoli» de Xangai e de Montevideo; os «Savoia» de Filadélfia e de Cap-Town estampilham; malas que subiram — ou vão descer pelos ascensores que funcionam junto às escadas subterrâneas e que vão — ou vêm — duma longa travessia aérea...

«Grupos de elegantes e cosmopolitas, chegados na véspera da Holanda ou dos Balcans, e que, após o repouso de um dia num hotel do Estoril, de Sintra ou do Buçaco — ainda hoje embarcarão para Caracas, México ou Senegal, cruzam-se com caravanas de gente modesta, judeus rumânicos, operários assírios ou mecânicos alemães que regressam, de Guatemala, de Honduras ou do Chile, para umas rápidas férias...»

«Em redor do redondel, os «hall» onde se abrem salões de espera, hotéis, restaurantes, cafés, onde se enfileiram estabelecimentos de todos os gêneros — barbearias, farmácias, «souvenirs», «Kodaks»... Ali as «messes» da officialidade civil da aeronáutica; acolá as do pessoal menor... Escritórios, telégrafos... Orquestram-se, no ar, falas em todos os idiomas, ordens e avisos, canções radiografadas e pregões dos vendedores ambulantes; cicrones das agências de turismo e corretores de hotéis da capital e dos subúrbios...»

«...Cá fora, no amplo leque de luz que o pórtico rasga na avenida, serpentes intermináveis de automóveis e autobus, arregimentados pela policia, buzinando, atroando com os seus «klaxons», despejando ou recolhendo os



vijantes de todos os países, de todos os continentes, de todas as raças, que chegam ou que partem para longas travessias — longas e rápidas, travessias de uma hora ou de um dia — e que aproveitam o cruzamento das linhas, para repousar ou para conhecerem Lisboa...

«...«Pois não julgue, meu amigo — rematou o audacioso aviador que nos

emocionara com a sua palestra e cujo nome velamos, por imposição sua — que esta visão é um delírio de grandezas, uma fantasia à Júlio Verne... Não só tem, como ossura, a lógica — como não pode deixar de ser uma realidade — mas uma realidade — rápida — de pouco tempo... de dois ou três anos... Organizam-se, actualmente, em todo o mundo, umas quarenta companhias de navegação aérea internacional. As comunicações intercontinentais tornam-se num facto... Uma viagem da Europa à América — 24 horas; ou da Europa ao Extremo Oriente em três dias; ou do Extremo Oriente, da Oceania, da Austrália à Europa, em quatro dias — já não pasma ninguém. Serão viagens cômodas — seguras, baratas, pela frequência dos viajantes, baratíssimas para os que costumavam emigrar em navios. Lisboa será então, forçosamente, a «gare» aérea mundial. As linhas de Londres, de Paris, da Escandinávia, da Rússia, dos Balcans, interromper-se-ão em Lisboa; de Lisboa devem romper as que vão para as Américas — do Sul e do Norte — e as da África. Ao mesmo tempo, as que vêm das Américas para a Europa ou Ásia; as que vêm de África para a Europa, serão naturalmente cortadas nesta capital. Todos os transbordos se farão em Lisboa.

«Ora partindo desta convicção — pode calcular-se um movimento de uma chegada e uma partida de avião, de quarto em quarto de hora. Barateado até à insignificância, pelo número de viajantes, os preços das passagens; e a concorrência dilatada pelo desaparecimento do temor ingénio das gentes e pela prova fácil de segurança das viagens, pode-se calcular, sem exagero, uma passagem diária em Lisboa de viajantes de todos os países de 5.000 a 15.000 individuos — entre os de «luxo» e os de «3.ª classes» — porque a aviação não tardará a democratizar-se e a ser utilizada pelos emigrantes. Para acolher essa multidão ininterrupta — que imensa «gare» será necessário construir!... E como você vê, não é demasiado fantástico a visão que lhe dei do que essa «gare» será, dentro de pouco tempo...».

A fauna dos cafés

Os cafés de Lisboa, como os de todas as cidades, têm — tiveram sempre — características inconfundíveis e faunas de clientela dignas de estudo. *Tiveram* — dissémos... O «Nicola», refúgio de poetas, frades e conjurados, no princípio do século passado, onde Bocage pontificou; o «Marrare» das sete colunas, o do «Grego» — então chamados botequins, sempre assombrados pelos esbirros da «Intendência», onde os estroinas, os liberais, primeiro, e depois os políticos, se reuniam...

Lisboa tem, ao todo, números oficiais, 122 «cafés» e botequins, número de aparente exagêro para quem só conhece os afamados, tradicionais, vistosos, à vista de todos.

Dos centrais, alguns, como o «Ni-

gado preferido para a servir e as relações para o cavaco.

Começemos pelos estabelecimentos do Rossio. O mais freqüentado de todos os «cafés» do Rossio, o mais variado, é a «Brasileira». São um espectáculo digno de observação — as manhãs da «Brasileira». Os comboios despejam avalanches de pessoas — empregados, proprietários, etc., que vão ali tomar o seu pequeno almoço.

As dez e meia estão concluídos os almoços. Chegam então os «leitores assíduos» dos jornais do dia, percorrendo-os todos, sem distinção de credo politico. O anarquista lê a reaccionária *Voz*; o ateu devora o católico *Novidades*, o demagogo percorre todas as colunas do *Diário da Manhã* e os indifferentes devoram as notícias do Sé-

preservar dos ataques da asma, mas tos, e com os dedos ostentando grossos anéis. As carteiras são autênticas pastas de caixeiro viajante, abrindo-se como harmónios deixando ver uma infinidade de papéis. Aguardam, diante dum café, a chegada do alviçareiro que lhes trará notícias do ninho onde a caça se encontra encurrulada.

Quando a casa começa a encher-se, os «brasseurs d'affaires» desaparecem, misteriosamente, como misteriosamente negociam. E surgem, então, os estudantes de regresso das aulas, a sorver o seu cafézinho, após um parco almoço numa pensão reles, e por ali se conservam até à aparição dos funcionários que, à saída da repartição, vão gastar algumas horas num cavaco ameno, comentando a atitude do chefe ou a partida pregada ao continuo. Ao lusco-fusco da tarde, umas criaturas de sexo indefinido, voz aflautada e ademanes suspeitos, entretêm-se a ler versos ou a criticar os vizinhos da mesa. Riem e chalaceiam uns com os outros numa grande fraternidade. E somem-se em leves passadas, por entre as mesas como as enguias. Por vezes um ou outro doesto os atinge, em cheio, e êles — os hermafroditas — indifferentes, covardemente, cravam os olhos no chão.

Um velho criado da «Brasileira» — escusamos de o personificar — um dia em que o estirámos pela língua — desabafou:

Podia contar tantas coisas! Exemplos? Ai por volta de 1919 ou 20 — talvez 21 — (estou velho e a memória falha-me!) vinha aqui todas as manhãs e noites, um rapaz de aspecto simpático, que algarviava um português espanholado... Um dia estava êle lendo o «A. B. C.», de Madrid — e deu-me na veneta para espreitar o boneco que êle fixava com muita atenção — quasi com um sorriso. Apercebeu-se da minha bisbilhotice, voltou a cabeça, mudou de expressão e reclamou: «Então a água com aniz?». Era verdade! Todos os dias, juntamente com o café, bebia um copo de água com um cálice de aniz... Não esqueci o boneco do «A. B. C.» — e mal voltou costas — fui à tabacaria ver o jornal... Dizia: «Casanelas, uno de los asasinios de Dato que la policia procura...». A fotografia estava borrosa — mas... mas... não sei que palpito me deu... Aquela cara...! Anos depois, quando, muito antes da República, houve balbúrdia em Espanha — servi até um individuo de olhos pretos, assim a modos de doente, com a gola mui levantada, o chapêu caído para os olhos, sempre a tossir... Era um freguês — como outro qualquer; mas, não sei porquê, fiquei a observá-lo — à busca duma recordação. Estava entretido a ler um jornal qualquer — e, súbito, perguntou-me: «Então? A água com o aniz, que lhe pedi?». «Estava certo de que só me encomendara um café — mas fiquei a remoer... Água com aniz?... Água com aniz? E cá



A «Brasileira» do Rossio

cola», atingem uma venda diária de 4.000 «cafés», sem falar no serviço de restaurante, cervejas, pequenos almoços. Em pequenos almoços, o mais feliz é talvez o «Itália» que tem manhãs de 100 e 150. A «Brasileira», do Rossio, em cafés, vai na bicha do «Nicola» — porque anda por 3.000 a 3.500 — e aos domingos suplanta o concorrente. O do Chiado, varia entre 2.000 e 2.500... Em bifes — o «La Gare» é dos mais afreguesados... Tem dias de 80 e 90...

Os grandes «escritórios» á mesa de «café»

Negociantes sem escritório para não pagar impostos, «brasseurs d'affaires», desgraçados sem eira nem beira, «souteneurs» crapulosos, «dandys» endinheirados, académicos estilizados, escritores sem público, jornalistas amadores e artistas sem talento, etc., etc...

Cada espécie zoológica da escala acima apontada, tem o seu parapeiro certo, a sua mesa escolhida, o empre-

culo e do *Diário* — tudo por uma pequena gorgeta...

O «groom», um pequeno engraçado e falador, não tem mãos a medir. Vêm chegando, depois, alguns dos comerciantes sem escritório que — *sem coiteira e sem pagar imposto* — combinam a maneira mais viável de adquirir, por meia dúzia de patacos, um

prédio que vale dezenas de contos. Os dependurados em imponentes charungas trazem as notícias de que F... se encontra em más condições de vida e está disposto a vender por todo o preço uma propriedade bem situada ou a assinar uma hipoteca sem fazer questão de juros.

Esses «brasseurs d'affaires» conhecem-se bem pela indumentária de ricos-homens, abafados em peles para os

a mania que estava na cabeça desde que êle entrara — juntou-se logo à lembrança de... do freguês que lia o «A. B. C.», de Madrid... do que bebia água com aniz ao café... Seria êle? Não seria?... Só anos depois li que Casanelas, já oficial de aviação do exército russo — conseguiu, não se sabe como, entrar em Espanha e que... saíra por Portugal.

OLIVEIRA ABRANTES

de Lisboa

Segredos da indústria japonesa

em

Portugal

Em Abril último, estando eu a mastigar, pachorrentamente, o meu bife, no hotel de uma bela vila minhota — senti a súbita impressão de que o frizo monótono que me cercava fôra pincelado com tintas berrantes. Alertado — circunvagui a vista e fixei-me num casal recém-chegado. O desenho dos olhos, o recorte craneano, denunciavam, «à la minute», a origem asiática;

Na manhã seguinte, ao almoço — vi-os enroupados à ocidental — como se fossem parisienses. Cá fora aguardava-os um auto-ultra-exótico. Dir-se-ia feito com hastes de bambú. O «klaxon» em vez de ladrar, como os outros, parecia garganear as primeiras notas de uma canção nostálgica... Os pneumáticos pasmavam os basbaques que se especavam à sua volta...: cinco linhas metálicas, de cores variadas, os sulcavam — dando-lhes um aspecto de brinquedo...

Um caixeiro-viajante, amigo de muitos anos — observava a distância, a minha bisbilhotice. Depois acercou-se-me — e sorrindo — desabafou:

As estranhas andanças dum casal japonês

«— Este casal amarelo vem de Guimarães e parte para Braga, segundo disse o porteiro. Há um ano que nos topamos com frequência, do norte ao sul — sem que eles suavisem o seu mistério — por um gesto ou atitude. Nos



Um agente de espionagem comercial japonês

Aquele estranho casal... — Revelações dum entendido. — O que é a indústria japonesa actual. — As manobras da I. I. O. K. — O maquiavelismo do barão de Takahaschi.

É sabido que Portugal, como outros países do ocidente, tomou lógicas medidas contra a galopante invasão da indústria japonesa. O que se ignora são os subterfúneos desse plano universal, a sua organização secreta — e que o Japão é hoje o fornecedor principal, na Ásia... do vinho do Porto. Esta reportagem é uma revelação sensacional.

primeiros tempos supus que eram «nipons» ricos, em viagem de núpcias. Mas.. ao repetirem-se os encontros durante um ano — intriguei-me.

«Notei que não visitavam museus ou monumentos — como qualquer turista. A sua curiosidade era limitada a armazéns, lojas, fábricas... Em Lisboa passaram um dia no Grandela — demorando-se eternidades em cada secção.

Calou-se o meu informador. Entretanto o casal japonês subia para o «auto», que rodou veloz... Como eu quisesse saber mais — indaguei: «— E conclusões?»

«— Não tas quero revelar! — respondeu. — Quando voltares a Lisboa — e encontrares D... S..., que eu te apresentei uma noite, no «Maxim's» — um rapaz que após alguns anos de fatalidade — se guindou a uma repolhuda situação comercial — toca-lhe discretamente no assunto.

As manobras secretas da indústria japonesa

Algumas semanas depois de vir para Lisboa encontrei D... S... — flamante e próspero. Ao primeiro pretexto — sondei-o.

«— São admiráveis esses amarelos! O que eles fazem! Queres ver? Olha este isqueiro! Não falha nunca!

Apresentou-me uma espécie de caixa redonda, metálica, imitando um pequeno interruptor eléctrico. Bastava premir o botão para logo surdir uma minúscula chama.

«— E são às centenas, os modelos! — prosseguiu... — E podem vender-se, na Europa, por dois escudos — havendo também para menos. E canetas de tinta permanente? Experimenta esta... Não tem aparo? Parece-lhe... Escreva... Vê?... O aparo é feito com celuloide! Fica a cinco escudos — já com lucro para o comerciante! Mas isto são bugigangas 3 bicicletas, e motos, e «sides-exóticas», mas garras, resistentes —



O barão de Takahaschi

autor do «Dumping» japonês

e sempre duma barateza esmagadora!

«Um caso: a Dinamarca era a «rainha... do calçado!» O seu fabrico estava por tal forma organizado e cuidado — que, só para Inglaterra, a pensar de sua concorrente — exportava anualmente algo como um milhão de pares! Pois bem! Os japoneses farejaram este negócio, infiltraram os seus delegados nas fábricas de Copenhague, devassaram, subtilmente, os seus segredos técnicos e comerciais — e um ano depois não só estavam aptos a conquistar o mercado britânico — como a tomarem à sua conta metade do consumo do calçado... da própria Dinamarca.

«O mais intrigante segredo do imperialismo industrial japonês — contra o qual vários países — entre os quais, o nosso — tomaram já medidas defensivas — está não na infiltração dos «seus artigos clássicos» — mas na conquista dos mercados europeus com produtos de que esses mercados eram especialistas!»

O que é a Repartição I. I. O. K. de Tóquio

«— Tóda esta obra, até aos pormenores microscópicos; foi ideada por um velho que conta hoje 85 anos! Chama-se Takahaschi e sobraçou várias vezes a pasta das finanças. Desde 1926 que ele acalentava este sonho, graças ao qual o Japão se transformaria no Estado mais endinheirado do mundo.

(Continúa na pág. 15)



O insaciável francês escapou-se para Paris.

Revelações sensacionais de um detective... especializado. — Condes e príncipes... — As nacionalidades fantásticas. — A maçonaria dos polacos. — O cadáver sem nome. — Os tráficos.

LISBOA tem sido invadida, nos últimos tempos, por uma enorme legião de estrangeiros que aqui se fixam, incrustando-se na vida social da cidade, ajustando-se ao ambiente, criando relações e aparecendo em toda a parte — numa proporção inquietante.

Entre essa multidão cosmopolita, que aportará a Lisboa com a honesta intenção de ganhar honradamente a sua vida, não será difícil distinguir certos indivíduos, homens e mulheres, que constituem uma fauna especial, sem profissão determinada e que alardeiam aparências, muito diferentes da realidade.

Estas mesmas considerações nos matraqueava há dias no «café» Abadia, onde abancáramos a uma mesa, Basílio Sampaio, um dos mais argutos agentes da P. I. — chefiando actualmente um posto fronteiriço, em cujo serviço tem prestado excelentes provas, e então de passagem em Lisboa.

E ante a nossa expressão de fingida incredulidade, o nosso interlocutor prosseguiu:

— Não duvide! Estou seguro do que afirmo! Os senhores, lá nos jornais, estão como o público que os lê: — incrédulos para determinados assuntos que lhes segredem... só e porque esses assuntos não são o caso banal do atropelamento. Mas procurem bem, esmiúcem devidamente o «bas-fond» da capital, dêem-se à tarefa de investigar pacientemente — e verão depois como a realidade supera, em muito, a mais prodigiosa fantasia.

— Olhe em derredor, — continuou o meu interlocutor. — Que vê? Estrangeiros, gente estranha, abancados, be-

rricando, neste como em todos os «café»... Que crê que eles façam no nosso País?...

— Empregam-se nos mais diversos misteres! — retorquimos. — E se uns são homiziados que a policia arremessou para longe das suas terras, outros são foragidos à crise económica... Outros ainda são simples caixeiros viajantes que aqui se demoram o tempo indispensável para os seus negócios... Delas, algumas são artistas de «cabareta» e muitas são vendedeiras ambulantes de bugigangas...

— Aparentemente, é como diz. Eles estão rotulados com tôdas as profis-

lência dessa praia mundana; no passado verão, apareceu um casal estrangeiro que logo se tornou notado aos frequentadores dali. No registo do hotel de luxo em que se hospedaram figuravam como sendo italianos e condes de Galliani. Eram marido e mulher, embora entre ambos houvesse uma diferença de idade bastante sensível: — ele devia orçar pelos cinquenta e oito anos e ostentava um exterior distinto, de verdadeiro «gentleman», e ela teria, porventura, vinte e cinco e era um adorável tipo de mulher loira...

Em toda a parte em que apareciam,

OS «INTERNACIONAIS»

sões, as mais diversas... Mas, na realidade, quem são, de onde vieram, o que fazem?... Mistério!

«Nas fichas da nossa Polícia Internacional — completos arquivos que se um dia fôssem desblindados dos segredos que os encofreiam revelariam sensacionais enigmas — estão anotadas as suspeitas que sobre eles se abatem. E os agentes vigiam-os atentamente... Porquê, se essas silhuetas in-

a beleza dela causava sensação entre os «Lovelaces» da moda... O marido, porém, perseguia-a com olhares vigilantes, receoso, sem dúvida, pela sua integridade moral.

A virtude da bela condessa de Galliani começou sendo salteada pelos mais inequívocos olhares que lhe dardavam os arrojados conquistadores... Ela respondia-lhes com fugitivos sorrisos, nos curtos espaços em que



Uma etiqueta de «desconhecido» e uma data...

ternacionais apresentam a sua documentação absolutamente em regra?... Quere saber o que eles cá fazem? Pois observe-os, transparentando a artificialização com que teatralizam as suas atitudes e verá... Oíça, por exemplo, este episódio registado há pouco pela Polícia.

Os aventureiros de primeira classe

No enquadramento super-elegante do Estoril e entre a cosmopolita assis-

va os condes de o terem burlado em 20 contos. Das suas declarações ficou-se sabendo que oferecera, como presente, à bela condessa de Galliani um cheque de 10 contos... (ela preferia os presentes de dinheiro ao de jóias!). No dia seguinte ao do oferecimento, ela zangara-se com o industrial, num momento em que estavam a sós, e num assomo de ira rasgou o cheque. Mas fizeram as pazes logo a seguir, tornando êle a passar um novo cheque. Pois bem! Do Banco informaram-no, mais tarde, que a bela condessa descontara da sua conta, os dois cheques que êle lhe havia dado. Mas como, se ela tinha rasgado o primeiro?... Foi verificar ao Banco. Não havia dúvida! Lá estavam os dois cheques com as datas respectivas e assinados por si... Embatucou! E só achou uma explicação — a de que o cheque rasgado não era... o seu.

O escândalo transpirou, zig-zagueando pelos salões luxuosos dos casinos e murmurando-se à boca pequena pelos hotéis...

Então verificou-se este facto estranho: — Todos aqueles que haviam recebido os favores da jovem condessa

SUSPEITOS DE LISBOA

de Galliani carreiraram para as autoridades, narrando casos semelhantes... A policia em face do avultado número de queixosos, ouviu a formosa condessa e o marido. «Os cheques haviam-lhe sido «oferecidos»... e ela não tinha culpa de que os seus admiradores julgassem que os rasgava...». Não havia base para procedimento judicial. Os códigos não previam o novo género de burla, muito embora a fraude fôsse evidente. No entanto, os dois italianos foram imediatamente postos na fronteira.

E agora a revelação mais curiosa desta estranha aventura de dois estrangeiros suspeitos: — os singulares personagens nem eram condes, nem italianos, nem... casados. Chamavam-se: êle, Albert Dubois, e ela, Edla Dubois. Naturalidade: franceses, e eram... pai e filha!

O respeitável «gentleman», vagamundeava através dos grandes centros, negociando com a beleza da filha. E para valorizarem o «negócio», representavam, então, a farça de cônjuges — sabido que o fruto proibido é o mais apetecido, segundo reza a sabedoria das nações e a realidade dos factos confirma...

O misterioso estrangeiro da pensão do Fala-Só

Basílio Sampaio disfrutou, por momentos, a nossa estupefacção e depois,

A fachada do Café Abadia



apostado como estava em nos fornecer a matéria-prima para um artigo, continuou, oferecendo agora à gula da nossa retina auditora, mais um caso estranho de que Lisboa foi tablado,

Trajava mal, deambulava pelos «café» da Baixa, tendo sempre, juntamente com um sorriso, um pedido a fazer: o do «pitillo». Dava assim a nota da necessidade aos seus amigos, na maioria jornalistas. A Polícia, contudo, não acreditando muito nessa aparente miséria, tinha-o sob as suas vistas. Miodrag fazia freqüentes viagens ao estrangeiro, a Barcelona — e quando voltava trazia sempre boa maquia...

O que ia êle fazer a Barcelona? Ninguém o sabia, nem os seus amigos mais íntimos, a-pesar de êle informar que ia visitar uma... filha. E um dia, a Polícia recebeu comunicação do estrangeiro, de que se preparava uma greve revolucionária no nosso País, organizada por elementos avançados e de combinação com uma forte organização operária de Barcelona.

Um elemento era apontado como agente de ligação entre Lisboa e Barcelona, um individuo cujos sinais condiziam com os de Miodrag Alexandrovitch. Com efeito, êste chegava, pouco depois, a Portugal, de regresso de uma das tais viagens misteriosas a Barcelona. Preso, ingressou incomunicável numa esquadra policial, conservando-se, ao ser interrogado, sempre na defensiva, durante uns dezóito dias... Ao cabo, perante a correspondência que lhe foi interceptada e o testemunho de um seu colega nos manejos políticos, que o odiava de morte por uma questão de mulheres, de que jurara vingar-se — acabou por confessar a verdade: — Era um espião a soldo da U. R. S. S.. Indicou cúmplices, que foram presos e confessaram minuciosamente a existência de uma tenebrosa organização internacional, que tinha por finalidade lançar Portugal numa anarquia...



Aquele indivíduo de oculos é Harold...

(Continua na pág. 15)

Misticismo, ocultismo, profecias e verso...

O enigmático «Quinto Império»

de Augusto Ferreira Gomes



A seguir à guerra deu-se, em todos os países, um «curto-circuito nacionalista». Em Portugal a nacionalismo rejuvenesceu, reatando tôdas as características — sobretudo a do misticismo — o misticismo dos que sonharam com a brogagem dos mares e com a universalização do nosso império; dos reis que deram asas para o vôo maravilhoso desses sonhos; de todo o povo que se integrou na nossa Epopeia.

Mas todos êsses místicos, sábios e heróis, soberanos e plebe, poetas e navegantes — que fundiam, na mesma ardência, a Terra e o Céu, a Pátria e Deus; que confundiam, na mesma ânsia de glória, a bandeira e a cruz; que ajoelhavam eternidades, suplicando divinas ajudas, antes de cada empreendimento — confiavam também, secreta ou confessadamente — e com que convencimento! — nos poderes sobrenaturais... — e pouco católicos — dos magos, dos alquimistas, dos profetas... Oravam a Deus para que os favorecesse na luta contra os povos infiéis — mas consultavam depois os astrólogos, os videntes — muitas vezes infiéis também — muçulmanos e judeus...

...Ora este paradoxo do velho nacionalismo português — ressurgiu agora, com o mesmo sabor de mistério, amalgamando o amor e a fé em Deus e em Portugal — com a confiança na infalibilidade as profecias, no admirável livro do poeta nacionalista Augusto Ferreira Gomes — «Quinto Império»...

...Bandarra, de Trancoso, o plebeu, sapateiro de ofício, que viu, à distância, Alcácer Quibir, a perda da nacionalidade, a sacerdotela de 1640, o terramoto de 1750 (os cegos apregoavam

à porta das igrejas as suas profecias, ante as quais estava a da destruição de Lisboa — à hora em que Lisboa se entornou como um copo de água sobre uma mesa que mãos possantes fizessem estremecer) — e até a grande guerra, o bolchevismo — e a ainda hoje futura invasão amarela — escreveu:

*Em vós que haveis de ser Quinto
Depois de morto o Segundo,
Minhas profecias fundo
nestas letras que VOS Pinto*

Esta desconcertante quadra foi o ponto de partida... Ela revelou a Ferreira Gomes que o *Quinto Império* se avizinhava... Era preciso, pois, escrever o *Quinto Império*...

Vem depois o prólogo de Fernando Pessoa — e o atontamento do leitor, atinge por vezes, a vertigem. Aparentemente, pelas suas insinuações, que o «Quinto Império» será português e desarmará o mundo... Ele nos estabelece primeiro uma escala — de impérios materiais: 1.º o da Babilónia; 2.º o Medo-Persa; 3.º o da Grécia; 4.º o de Roma; «ficando o 5.º, como sempre, duvidoso»... Muita gente julga que pertence a Inglaterra... Mas «não é assim o esquema português!» — afirma. Este sendo espiritual — põe de parte a Babilónia — e parte do *império espiritual* da Grécia. E logo: 2.º o romano; o 3.º o da Cristandade; o 4.º da Europa laica, e o 5.º... o 5.º... não pode ser o inglês. «Nós o atribuímos a Portugal!» — confessa — acrescentan-

do: «A chave está dada na 1.ª quadra do 3.º Corpo das Profecias de Bandarra». E se Bandarra o disse...

*Lá das Bandas do Oriente
Um dragão vejo vir vindo
Também parece que vejo
Outros bichos vir seguindo.*

Que visão é esta — de há tantos séculos? A dos internacionalis comunistas, centralizados em Moscovo — o antagonismo máximo do nacionalismo? O transbordamento das massas amarelas sobre a Europa? Não! O pressentimento distante da aliança de todos os *infiéis* e, portanto, duma ameaça tremenda da civilização cristã — contra a qual seguirá Portugal — derrotando-os — e criando o «Quinto Império»!

O leitor, pouco afeito a estes enigmas, pode quedar-se confuso... — Mas será recompensado pela beleza, recamada de imprevistos maravilhosos, dos versos de Ferreira Gomes...

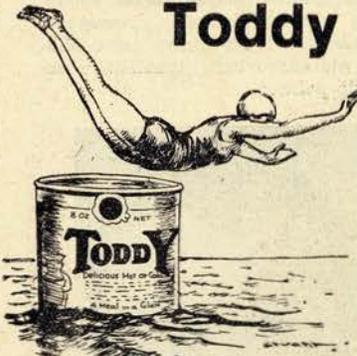
*Surgirá, então, a outra idade
Acabará este viver incerto.
Será o Império, único e unido,
Quando der o sinal o Encoberto*

Como vêem — tinha razão... O resurgimento do nacionalismo português — mantém tôdas as suas tradicionais características: a do misticismo — e até um pouco *sebastianismo*... («Quando der o sinal o Encoberto»...) virtude que já nos marcava mesmo antes de D. Sebastião...

Energia e Decisão

SÓ SE CONSEGUE COM

Toddy



O alimento do cérebro
e dos músculos, aconselhado pelas maiores sumidades médicas

Representantes exclusivos
MANTUA, L. DA
Depositários
J. CAIS, L. DA

29, C. de S. Francisco, 31 - LISBOA

Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Belém, 80-82

Telefone. Belém 237

LISBOA

Uma mina de ouro ao alcance de todos...

A loucura dos sêlos aéreos

e o cicerone portuense que ganhou 200 libras

CONTARAM-NOS o seguinte caso. O jovem poliglota que vive, modestamente no Pôrto como intérprete de turistas, que todos conhecem, frequentador do Café Sport, da Avenida dos Aliados — António de Oliveira — disse há meses, aos seus amigos:

«— Calculem vocês que perdi tóda a manhã a ciceronar uma *tribu* de holandeses — e à última hora, já com os pés no escalor para bordo, apenas encontraram nos bolsos alguns escudos para me pagar! Um déles — tirando da carteira este sêlo — o sêlo de correio aéreo ou comemorativo de qualquer «raid», não sei bem, ofereceu-me...

Semanas depois o mesmo moço surge no «café», fumando charuto.

«Apanhei o *Daily Express* li-o de ponta a ponta — deparando-se-me um anúncio em que uma agência filatelista de Londres oferecia bons preços a quem lhe vendesse certos sêlos raros cujas características indicava. Tive um palpito. Procurei o sêlo que o holandês me dera e coincidia com as indicações do anúncio. Não hesitei... Mandei-lho... Foi o tempo suficiente da carta chegar lá e déles me contestarem... Nada menos do que 200 libras — quatro contos e pico! Que arranjo!

Um estudante com sorte

O filatelismo, êsse passatempo que apaixona estudantes e... milionários, sofreu fundas transformações com o desenvolvimento das linhas aéreas — cujos sêlos, variados, mas pouco numerosos, são hoje os mais cubiçados e disputados pelos colecionadores.

Entre os neófitos do filatelismo, abundam os estudantes, gente moça e modesta que, por paixão pela aeronáutica pensaram em organizar a sua história através das estampilhas — iniciando-a quando os sêlos se vendiam a preços modestos. Súbito — alastrou-se pela zona dos colecionadores enriquecidos a mesma ideia — e ei-los assediados por ofertas quantiosas para que se desfaçam dos seus álbuns. Que se visiona a gratidão desses rapazes... à aviação, graças à qual, dum dia para outro desafogaram as suas vidas. Entre êstes felizardos destaca-se o estudante americano Freling, que penosamente custeava as suas despesas em Londres — e que, sem mesmo ser um apaixonado pela aeronáutica — começou a colecionar-lhe os sêlos — como podia colecionar programas... O seu álbum é considerado completo. Não há oceano, pais ou deserto que as suas estampilhas não tenham passado. Só um dos seus espécimes está avaliado em 800 libras.

Fortunas imprevistas... graças aos sêlos

Em 1918 um barbeiro de Filadélfia quis enviar uma carta por linha aérea, para S. Francisco. Ao comprar a estampilha notou que um emblema que a enfeitava — estava invertido, por erro de impressão. Achou graça — e como era barato adquiriu os 80 sêlos iguais que restavam na folha. A partir de então começou a ser perseguido pelos empregados responsáveis do correio.

O avião francês De Costes e um sêlo comemorativo da primeira travessia da Mancha, por Bleriot



Omologado mar- quês de Pinedo e um outro sêlo aéreo, do Egipto



Ele resistiu, aconselhado pelo seu advogado; e graças a isso êsses sêlos que lhe custaram, então, 4 dólares — valem, em 1934, 64.000 libras! Em 1919 quando Hawker tentou o primeiro vôo transatlântico — caindo à vista da Irlanda — o governo da Terra Nova emitiu 200 vulgares estampilhas comemorativas — de três cêntimos. Os que foram aplicados no correio e salvos, depois do mergulho, valem hoje 220 libras. Os outros, os não utilizados, por serem raríssimos treparam a 350 libras — o que semeou algumas verdadeiras fortunas entre cinco modestas famílias de St. John (Terra Nova).

E se nós também enriquecêssemos?...

O mesmo governo da Terra Nova, impriu sêlos de sobretaxa do vôo de Pinedo (*Air Mail of Pinedo, 1927*) — a 60 cêntimos. Os 70 que ficaram da emissão de 300, estão catalogados a... 300 libras.

Os agentes «do dia» dêstes negócios, cujos nomes revelamos aos leitores do «X» — caso possuam dessas «gazúas» de fortuna rápida, são os srs. Harwers, filioeiros de New-Blond-Street, 72, Londres. Pelo menos é o que o jornal *John Bull* nos indica...

Existem contrastes desorientadores. Um exemplo. Enquanto estampilhas evocadoras de vôos sem alarde valem centenas de contos — as das cartas transportadas no «raid» de Arlook e Brown, considerada injustamente a primeira travessia do Atlântico — estão apreçadas a 65 xelins. Porquê? A sua emissão era de 10.000...

Esta paranóia epidémica mundial apenas se esboçou... Daqui a poucos anos devem valer fortunas estampilhas que se obtém com uns tostões... Que os leitores se previnam...

A primeira estampilha oficial aérea ainda hoje está ao alcance de todos... Foi a Itália quem a fez, em 1917, como propaganda da utilização dos aviões de guerra no tempo de paz. Custam apenas dois escudos.

“Amo-te”

Qualquer homem estremece à vista duma nova pele fresca e branca — o género de pele adorável que V. pode agora obter: Faça V. mesmo esta experiência com Creme Tokalon, cor branca (não gorduroso). Este contém agora, elementos adstringentes que embranquecem e tonificam a pele, combinados com creme fresco e azeite pródigo. Penetra instantaneamente, calma a irritação das glândulas cutâneas, aperta os poros dilatados e dissolve os pontos negros. Só em 3 dias atavia a pele com uma beieira e frescura novas e surpreendentes — impossíveis de obter por outra forma. Empregue êste novo Creme Tokalon, Cor Branca, cada manhã e observe os resultados.

GRATIS. — Por combinação especial com os representantes, toda a leitora deste jornal pode obter este mez um novo Coffret de Beleza de Luxo contendo um «caixa de Pó Tokalon, pó d'arroz de mousse de creme», um tubo de Creme Tokalon, cor de rosa, a usar de noite antes de deitar e um tubo de Creme Tokalon, cor branca, (não gorduroso) para de dia. Enviar quatro escudos em sêlo para a gastos de alfândega, porte e registo (o coffret é grátis), directamente para o Deposito Tokalon de Lisboa (Secção X 1), Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio.

É conveniente não demorar, porque a quantidade de Coffrets disponíveis é limitada.



murmurou êle

Os espectáculos de 18 grandes cidades

Em Tóquio 570; em Lisboa 36;
em Bruxelas 101; no Porto 7

A palavra «crise» em teatro, é já um velho lugar-comum. Enganhamo-la hoje porque se entrecrocamos, à sua volta, várias oportunidades: a da discussão tendente a provar que o público não frequenta espectáculos por exigências de verba; a dos que afirmam que o nosso teatro entrou numa catalepsia que afugenta esse público; a dos que garantem que a crise é mundial; e ainda a da actividade, particular e oficial, de numerosas iniciativas objectivando, se não a resolução absoluta — pelo menos suavizar, desafogando um pouco a existência dos que do teatro vivem.

Afigura-se-nos útil — e curioso — tentarmos um ligeiro estudo, em que, sem alardes de estatística, se contrasta a situação teatral e cinematográfica das principais cidades do mundo com a nossa.

Lisboa, com os seus 700.000 habitantes tem 12 teatros, 1 circo e 32 cinemas — num total de 45 casas de espectáculos. Dessas, funcionam, como teatros, 6; como cinema, 30 — total, 36.

Porto, com 250.000 almas, possui 2 teatros e 7 cinemas — total: 9 casas de espectáculo — das quais funcionam apenas 7.

Agora — vamos por esse mundo fora:

Madrid, 1.000.000 de habitantes: 52 teatros; 98 cinemas — total: 150.

Barcelona, 2.000.000 de habitantes; 62 teatros; 147 cinemas; 2 circos — total: 211.

Paris, 3.500.000 habitantes; 45 teatros; 5 salas de concerto; 15 «music-hall»; 3 circos; 32 «cabarets» com espectáculo; 18 teatrinhos de canções; 12 bailes com espectáculo; 299 cinemas — total: 479.

Londres, 9.000.000 de habitantes: 57 teatros; 32 «music-hall»; 18 concertos; 25 espectáculos mixtos; 34 «cabarets» com variedades; 44 cinemas com variedades; 4 circos; 320 cinemas — total: 534.

Bruxelas, 600.000 habitantes: 22 teatros; 8 «music-hall»; 18 «cabarets»-concertos; 1 circo; 52 cinemas — total: 101.

Haga, 400.000 habitantes; 18 teatros; 4 «music-hall»; 1 circo; 10 «cabarets» com espectáculo; 38 cinemas — total: 71.

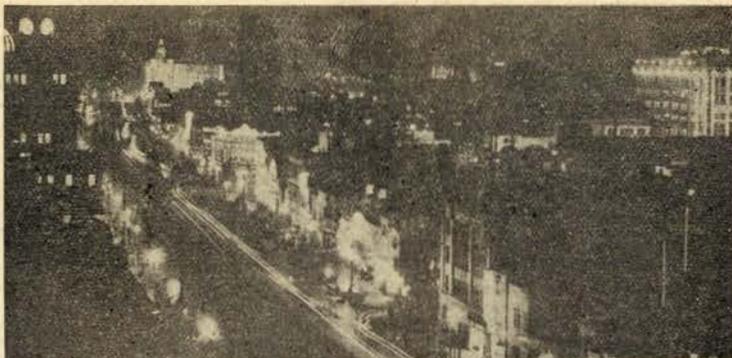
Copenhague, 450.000 habitantes; 20 teatros; 8 «music-hall»; 2 circos; 6 «Oslo», 390.000 habitantes: 12 teatros; 4 «music-hall»; 29 cinemas — total: 45.

Berlim, 2.500.000 habitantes; 42 teatros; 14 «music-hall»; 30 «cabarets» com espectáculo; 6 circos; 6 concertos; 214 cinemas — total: 312.

Viena, 1.500.000 habitantes; 27 teatros; 3 «music-hall»; 4 «cabarets»; 2 circos; 42 cinemas — total: 78.

Varsóvia, 1.800.000 habitantes; 38 teatros; 15 «cabarets» com variedades; 2 circos; 90 cinemas — total: 145.

Roma, 900.000 habitantes; 30 tea-



Um aspecto nocturno de Kabuki-Za, a principal artéria do «Broadway» de Tokio, onde se enfileiram perto de cem teatros e cinemas

(Cliché da revista «Japan-in-Pictures», gentilmente cedida pela Legação Niponica em Lisboa)

tros; 8 «music-hall»; 45 cinemas — total: 83.

Nova York, 4.000.000 habitantes; 68 teatros; 52 «cabarets» com espectáculo, «music-hall», etc.; 18 circos e hipódromos, etc.; 390 cinemas — total: 528.

Rio de Janeiro, 2.000.000 habitantes: 12 teatros; 5 variedades, concertos, etc.; 55 cinemas — total: 72. «cabarets» com espectáculo; 40 cinemas — total: 76.

Buenos Aires, 2.500.000 habitantes; 18 teatros; 22 variedades, «cabarets» com espectáculo, etc.; 130 cinemas — total: 170.

Alexandria (Egipto), 700.000 habitantes, fixos, e grande população flutuante; 6 teatros; 22 «music-hall» e «cabarets» com espectáculo; 28 cinemas — total: 56.

Hong-Kong, 2.800.000 habitantes; 27 teatros e «music-hall» de estilo ocidental e onde se representa em vários idiomas (inglês, francês, russo, etc.); 35 casas de espectáculo chinesas; 83 cinemas — total: 145.

Tóquio, 3.000.000 de habitantes; 70 teatros (sendo 30 de dramas clássicos japoneses, chamados «kabuki», e 40 de teatro moderno); 500 cinemas (350 exclusivos de filmes nipónicos e 150 de produção estrangeira) — total: 570.

Todas estas informações baseiam-se nos cartazes dos jornais de maior tiragem dessas cidades — de 20 a 30 de Outubro último — a saber: *Século*, de Lisboa; *Janeiro*, do Porto; *A. B. C.*, de Madrid; *Dia Gráfico*, de Barcelona; *Le Journal*, de Paris; *Daily Express*, de Londres; *Le Soir*, de Bruxelas; *Telegraaf*, de Rotterdam; *Politiken*, de Copenhague; *Tidens Tegn*, de Oslo; *Tage Zeitung*, de Berlim; *Wienpost*, de Viena; *Popolo Romano*, de Roma; *The Start*, de Nova York; *A Noite*, do Rio de Janeiro; *La Critica*, de Buenos Aires; *The Morning Post*, de Alexandria; *The Hong-Kong Times*, de Hong-Kong; e de *Japan in Pictures (Asahigraph Overseas Edition)*, de Tóquio, admirável revista nipónica da especialidade havendo a legação japonesa em Lisboa, tido a gentileza de nos completar as informações ali recolhidas.

Crise? Mas crise de quê? Os outros povos não estão tanto ou mais atormentados do que o nosso? Ou será porque eles... sabem viver e, portanto, consideram a diversão uma necessidade como a comida — enquanto nós nos afundamos em monotonia, incapacitando-nos cada vez mais para a luta pela vida — porque desprezamos esse único espiritual que é o teatro?

REPORTAGEM BABY...

DE TEATRO E CINEMA

Terminou há semanas a temporada do Teatro Gil Vicente, no Palácio de Cristal do Porto, crismado, por força das circunstâncias, em Teatro da Exposição. Durante semanas inteiras, seguidamente, representou-se nele um espectáculo que logo se viu não ter constituido um sucesso, tendo ficado muito longe disso. No entanto, teimou-se em mantê-lo no cartaz, e não obstante o director da companhia ter constituído uma companhia deficiente, caríssima, custando diariamente um dinheirão, tarde, muito tarde, a quinze dias do encerramento do grande certame é que fez a estreia de nova peça, *Nobre Povo*, de João Bastos. Viu-se, então, pela concorrência numerosa, todas as noites, que fora um êxito e tão grande, que foi necessário mudá-la para outro teatro a fim de completar a sua carreira. E o director da «troupe» não é dos menos reclamados como ilustre, sabedor, competente e grande homem de teatro!

Até já no meio teatral surgem agora os que vivem de rapinar e intrujar o próximo. Sintomático aquele caso, lançado à publicidade pelo nosso co-

lega *Diário de Lisboa* da pobre corista da companhia Armando de Vasconcelos, a quem o «protector», que se faz passar por «honrado comerciante» da nossa praça, pretendeu extorquir 40 contos que lhe couberam, vai para cinco meses, na lotaria da Santa Casa. Se não fora a publicidade do caso, e apesar do sujeito se ter aproveitado também do melhor de 160 contos, que por bamburrio lhe couberam na mesma lotaria, todo o seu empenho foi sempre negar-se a restituir o dinheiro, primeiro, numa carta afirmando que mentira quando anunciara o prémio grande prémio; e, por último, quando exigiu o desconto, na totalidade, de tudo de; segundo, quando solicitou que a rapariga se contentasse com metade quanto lhe ofertara nos momentos das suas intimidades, aliás comprometedoras e ridículas. A apreciação do leitor fica, pois, o procedimento do sádico comerciante e a boa-fé da pobre rapariga, que esperou pacientemente, durante tanto tempo, que este soubesse honrar um compromisso sem o mascarar com um autêntico abuso de confiança.

DETECTIVE TEATRAL

CAPRICHOS DA NATUREZA

Monstros históricos e modernos

A Natureza, às vezes, apetece-lhe caricaturar as criaturas com monstruosidades — agoniantes ou aflitivas. Que mistério se opera na gestação para elas nascerem... *assim?* A inventiva popular tem tecido várias lendas — atribuindo esses fenómenos a beijos demoníacos, a cruzamentos repulsivos, entre racionais e irracionais; ou ainda a uma violenta sensação de terror que tivesse galvanizado a mãe do monstro, nos últimos períodos de gravidez. Do celebre «Homem-Leão» que cirandou pelo mundo no exibicionismo das feiras e com cabeça de monstro — dizia-se que a mãe, esposa de um domador, assistira ao espostejamento do marido, nas garras das feras — precisamente meses antes deste monstro nascer.

Certas lendas estão tão enraizadas na crendice do povo que ainda hoje se aponta, em Alcantara, certo prédio, há 40 anos habitado por um oficial de marinha que trouxera de Angola um macaco; casa essa onde nasceu um ser disforme, monstruoso, nem racional nem irracional, de longos membros superiores, revestido de pêlos, fochinho.

O homem-serpente, de 1751

A «Estampa» de Madrid, num sugestivo artigo do Dr. Fardwell, reúne um bom *stock de fenómenos*, historicamente provados. Começa pelo horrendo «tchanutz» cuja fama, através de gravuras, se universalizou, em 1751. Foi na Polónia. Os rachadores de lenha, abalavam, amedrontados, das florestas — dizendo que tinham visto um mixto de homem e de serpente, cujo corpo se cobria de pêlos como um javali. O rosto era humano, o olhar exprimia inteligência; mas a cabeça ligava-se ao corpo por um pescoço de mais de um metro. Trepava às arvores, como um saguim; rastejava como um réptil e soltava guinchos que gelavam o sangue ao mais valente.

Um dia juntaram-se centenas de

camponeses para o capturarem. Foi preciso enlaça-lo com cordas, tal a resistência furiosa que ofereceu. Esteve, durante semanas, captivo dos rachadores, enjaulado — sendo então visitado por vários sábios que vinham de Varsóvia estudá-lo. Encolorizava-se e guinchava de forma a assustar os mais valentes! Mostrava grande inteligência, parecia compreender o que tentavam explicar-lhe, por mimica, mas não falava. A agudez da sua vista e



O estranho homem-serpente, que viveu em 1751, na Polónia

ouvido eram invulgares. Por fim, parecendo familiarizar-se com os que o cercavam — estes deram-lhe relativa liberdade. Passou dias a examinar tudo e todos, com a atenção e curiosidade de um habitante de outro planeta. Mas eis que afrouxam a vigilância — e ele evade-se para nunca mais ser visto.

O caso dos Condes Lazaro-Coloreda

Os irmãos siamezes, são fenómenos... *vulgares* — perdõem o paradoxo.

Os mais celebres que a história conhece são os Condes Lazaro-Coloreda. Ele, o conde, era um homem perfeito e aguapado; mas na região inferior do torax, como que encrustada ao peito, estava a irmã, um ente miserável — esquelética, com o busto semi-caído, formando um ângulo, com as pernas; não ouvindo nem falando, com os braços magríssimos numa permanente agitação, esquisitando uns sorrisos aparvalhados, que provocavam repugnância, terror e piedade.

Um dos fenómenos frequentes na galeria dos monstros é o da obesidade;



Sir Bright que aos 20 anos pesava... 300 k.

mas nunca nenhum atingiu o prodígio do nobre «sir» Bright que, aos 20 anos pesava apenas... 300 quilos!!!

Entre os fenómenos menores — o Dr. Fardwell cita o das «mulheres barbudas» — conhecidos, em medicina, pelo nome de «hipertricosis».

Um episódio que o Dr. Fardwell não conta — mas que nós conhecemos. Tristan Bernard, o notável comediógrafo francês, cujas longas e negras barbas recordam um *bâbete*, felpudo e negro, e a quem chamam a «Barba que ri» estreaava em Bruxelas a sua peça «Le Danseur inconnu» (que foi traduzida em português por «Ilustre Desconhecido»). Tomou o expresso que sai de Paris às 23 horas e, fatigado, deitou-se na sua cabine, antes do comboio se pôr em marcha. Mas houve troca de bilhetes e à última hora surge uma senhora que, julgando estar na cabine só para senhoras, fechou-se e preparou-se para se deitar. Tristan desperta e surpreendido pelo que via, desvela a barba que o lençol ocultava. A dama assusta-se e grita: «Está um homem na cabine só para senhoras!» Tristan, temendo o escândalo — exclama, aflautando a voz:

«—Perdão, senhora! Pertencemos ao mesmo sexo! Eu sou a «mulher barbuda» da companhia de circo que viaja neste comboio!»



Os irmãos siameses — Condes Lazaro-Coloreda

Elisabeth Knachtlin, a mulher barbuda



HÁ tempos, os jornais do Porto anunciaram a chegada de uma alta personalidade destacante na política brasileira. Tratava-se de um dos vencidos da revolução de S. Paulo.

Não pensariamos mais no caso, se, nesse mesmo dia, não vissemos apear-se à porta do Grande Hotel do Porto, um cavalheiro de meia idade e uma dama ainda bastante nova e extremamente simpática. Foi esta dama quem nos afinetou a curiosidade, mais ferida ainda pelo olhar insistente com que nos fixara. Ah! mas aquela senhora era... Sim, não havia dúvida, conhecíamos bem aquela elegante senhora...

Meia duzia de palavras que ouvimos — e sabíamos que o cavalheiro era o político brasileiro, e aquela dama sua esposa. Dêmos tempo a que as personagens terminassem o necessário arranjo do vestuário — e, ousadamente, voltámos ao hotel.

Quando chegámos junto do porteiro, alcançava o «hall», vinda do primeiro andar, a dama... brasileira. Olhámos um para o outro.

— Está acabado, senhor Humberto! exclamou ela, estendendo-me a nível da mão, onde brilhavam anéis valiosos.

Contrariamente às mulheres, os homens encontram uma secreta satisfação quando os reconhecem *acabados*... A masculinidade avulta-se-lhes, orgulha-os.

Não sei o que respondi, porque a curiosidade tinha-se-me alvorçado, com a ideia de, em poucos minutos, saber como ela — que eu tão pobremente conhecera — se encontrava ali, no Hotel do Porto... e esposa de uma alta personalidade brasileira.

O marido, no primeiro andar, conversava com alguns compatriotas, ali aparecidos para o cumprimentarem.

Em baixo, enquanto ela, a pequenina goles, tomava uma chavena de chá, eu ia armazenando o meu «stock» de apontamentos...

Em 1909, no Largo da Ramadinha

Quando, em 1909, os boêmios portugueses, de fama, Manassés, Meneses, Virgílio Seixas, Luiz de Sousa, Hilário... e os tocadores, Catão, pai e filho, Couto, Gaspar de Sousa, o Lacerda, o terrível e endiabrado sargento Lacerda, actualmente em Braga — faziam do Largo da Ramadinha Quartel-General das suas patuscadas, estendendo-as por toda a populosa zona de Santo André, visitando, para afinar instrumentos e amaciar gargantas, as *capelinhas* do Casais — habitavam no Largo da Ramadinha, na rectaguarda do «Café América», hoje encerrado, e que, então, pertencia ao Manuel Juncal, actualmente activo sócio-gerente do «Café Excelsior», três lindas e endiabradas raparigas, chamadas Palmira, Alice e Emília.

Dois anos decorridos, em 1911, a bordo do vapor «Wurzburg», embarcava a Emília para o Rio de Janeiro. Fômos companheiros de viagem.

Em busca do primeiro amor

A Emília amara. Era um belo moço, trabalhador e honesto, que retribuía entranhadamente tal amor. Um dia, uma rusga policial apanhou-o

(ou um romance da vida real, em que intervem um famoso político brasileiro e cuja heroína toda a bohémia portuense conheceu há vinte anos)

em Espinho, na Avenida 8, numa casa de tavolagem onde fora pela vez primeira. Aquilo deu êco. Como era empregado bancário, despertou desconfianças; foi despedido. Andou muito tempo desempregado, até que um dia, desapareceu. Nem a Emília soube para onde.

Ela esperou em vão, durante muitos meses. E acabara por sair da casa paterna, sem ninguém saber porquê. Rosnaram-se coisas. Falou-se no nascimento de uma criança, na consequente zanga dos pais...

A Emília era, então, costureira na casa de Madame Reynaud, na rua



Em frente do gradeamento do Jardim de S. Lazaro, o Largo da Ramadinha, na rectaguarda do Café América

31 de Janeiro. Ia ali, algumas vezes, uma velhota, levando ao colo uma criança... *Era neta dela*, dizia a Emília, referindo-se à velhota. Davalhe uns cobres — e a mulherzinha partia, sem que se soubesse para onde.

Rodaram anos. Os pais dela faleceram. Vendeu os móveis, realizou capitais — e resolveu partir para o Rio de



Emília teve um belo sorriso...

Janeiro, onde sabia que se encontrava o homem que amava ainda — o seu primeiro amor.

Foram infrutíferas todas as buscas

levadas a cabo pela Emília, para o encontrar.

Entrou a esquecê-lo... Alugou um quarto na rua Frei Caneca, frente à Polícia, na rua de General Cromwell. Lavava e engomava roupa branca. Foi feliz, até que um dia adoeceu. E como não tinha ninguém, entrou na Misericórdia. Quando dali saiu, alquebrada e esquelética, viu-se desamparada, recordando-se então de que havia um conhecido seu, estabelecido com uma casa de pasto na rua do Matoso.

Ficou lá empregada, restaurando as perdidas forças dentro em pouco. Era séria, sabia ser digna, mas a sua má estrela não a deixava. O proprietário do estabelecimento faleceu, e o negócio acabou. E ela, voltou a exercer o seu antigo mister, na rua Barão de Itapagipe. Por esse tempo, Francisco Manso de Paiva Coimbra, vendedor de pão, tentou assassinar o general Pinheiro Machado — um dos organizadores do «trusts» da carne seca — no Derby Club. Não conseguiu o homem o seu intento, mas não desistiu, porque dias depois, na ocasião em que Pinheiro Machado se encontrava no Hotel dos Estrangeiros, o vendedor de pão assassinou-o, cravando-lhe um punhal nas costas. Estabeleceu-se grande balburdia. Houve tiros. No local passava Emília em demanda da casa de uma freguesa. A linda mulher, viu nesse momento a morte diante dos olhos, sob a forma de uma pistola que um negro lhe apontava, disposto a desfechar.

Depois da tragédia, a felicidade

Um homem, porém, que também passava na ocasião evitou o crime. Era um político brasileiro, de nome feito e sólida fortuna. Ouviu a história da sua vida — e, a princípio condoído, não reparou que ela era uma formosa mulher. Levou-a consigo no seu automóvel, para a sua residência.

Durante dois dias, deixou-a refazer-se do grande susto sofrido. Depois... a antiga Emília, do Largo da Ramadinha, guapa e desenvolva lavadeira e engomadeira no Rio de Janeiro, ex-internada da Misericórdia e ex-servicial da casa de pasto da rua do Matoso, desapareceu, frégolizando-se na madame Emília X, esposa do ex-inventor de... no Brasil.

Scradas...

Alguns amigos do marido da Emília desciam. Terminavam as confidências. E a despedir-se, a elegante madame X, desabafou num dolorido sorriso:

— Ah! mas que saudades tenho dos tempos idos... do tempo em que conheci o meu primeiro... o meu maior amor...

A «neta»

E como última confidência, apontou-me uma esbelta rapariga que chegava, dizendo:

— Meu marido sabe tudo... Consente que a leve connosco.

Acompanhava-a uma velhota; era a mãe do ex-empregado bancário.

HUMBÉRI.

O segredo da indústria japonesa em Portugal

(Continuação da pág. 7)

Mas não iniciou a sua obra gigantesca — embora um pouco maquiavélica, seleccionando competências, distribuindo capitais, espalhando fábricas, recrutando operários, semeando o arquipélago de florestas de chaminés! Não! Antes de qualquer outra realização — preocupou-se em organizar a I. I. O. K.

«— ???»

«— É uma espécie da Guepeau, de Moscovo, exclusiva da informação secreta das indústrias e comércios europeus, americanos, etc., donde irradiava pelo mundo, desde 1928, um verdadeiro exército de técnicos, silencioso, subtil, encarregado de transparentar todos os mistérios industriais; da economia interna dos outros países — espiolhando fábricas, investigando preços e clientela, relacionando-se com indivíduos sensíveis à ganância, colocando-se numa posição invencível! Em cada nação organizam uma... *brigada-local* de informadores — que são perto de 500, na Europa; e algumas dezenas na Ibéria...

«Port-wines» — «made in Japon»

«E agora um detalhe curioso... Raro é o *brigadeiro* que não se faz acompanhar de uma mulher — uma *ex-geisha*, uma colaboradora preciosa que, em vez de cantar as árias da «Madame Butterfly», espiona, devassando segredos...»

Relembrei, nesse momento, aquele casal nipónico que conhecera, meses antes, numa vila minhota.

«— Não me surpreendia se, amanhã, no Tóquio ou em Osaka se montassem fábricas de vinho do Pôrto — e que o Japão tentasse exportá-lo para cá — mais barato do que sal o nosso... — insinuei à laia de chalaça.

«— Não se ria — retorquiu. Quem fornece hoje todo o litoral chinês, que pelo seu cosmopolitismo, é o maior consumidor de Port-Wine na Ásia — são os japoneses estabelecidos nessa zona! Sabe como? A Alemanha compra-nos X pipas, que depois vende à Rússia — depois de as ... *duplicar*! Esta reexporta-as para o Japão — *triplicadas*. O Japão, graças aos segredos de uma alquimia sua, dilata o vinho em 100 por 10 — engarrafando-o com rótulos mirabolantes — e o nosso (?) doirado nectar é depois sorvido gulosamente, nas bases de Changai, Hong-Kong, etc., de dois a cinco *shellings* o cálice

No momento de se despedir quis dar-me o seu endereço. Abriu a pasta — a estoirar de papelada. Sobre a mesa caíram vários envelopes...

Singular coincidência: todos eles tinham *estampilhas... japonesas!*

R. X.

Os «internacionais» suspeitos de Lisboa

(Continuação da pág. 9)

Alexandrovitch era, pouco depois, reconduzido à fronteira, com a nota de indesejável...

E dias decorridos aparecia no Tejo, a boiar, o cadáver do seu antigo colega na espionagem soviética, que lhe havia delatado os manejos. Os jornais nunca souberam a identificação do cadáver que durante muitos dias, esteve exposto na morgue, tendo, nos pés nus, a etiqueta de «desconhecido» e uma data — a data em que o corpo foi retirado das águas do rio.

O caso da actriz F...

— Lembra-se da actriz F... que há ano e meio se expatriou do nosso teatro, seguindo para Paris, onde tem feito sucesso, em várias récitas e espectáculos públicos?

Apontámos um nome. Basílio Sampaio não confirmou, nem negou, couçando-se num sorriso enigmático, e prosseguiu:

— Pois todos os jornais falaram na partida dela e nenhum, creio eu, soube o principal motivo da sua inesperada viagem — e da sua permanência em França.

Meses antes, um clube da Baixa, o «Maxim's», registava a comparência assídua nos seus salões, de um francês, novo ainda, François Kerrmann de nome, bem apessoado, que bailava o tango na perfeição e tinha diabólicas artes de... Tenório.

No Carnaval de há dois anos, a actriz Z., então no apogeu da celebridade teatral, mercê do seu talento e, um pouco, da sua existência de escândalos amorosos, ciciados extra-bastidores, foi passar a noite ao «Maxim's». Conheceu Kerrmann... deixou-se embalar com êle, na voluptuosidade de um tango — e, de manhã, quando acordou, em sua casa, viu-se, sem saber como, nos braços do seu «partenaire» daquela noite... Apaixonou-se! Quebrou com todos os seus admiradores, menos com um — o seu protector oficial, industrial rico do Pôrto, que muito a auxiliava.

Duas semanas, três semanas assim correram. Até que, uma jovem de sociedade, que também se deixara escravizar, doidamente, pela sedução do Adonis francês, sabendo-se atraída por êle que a trocara pela atriz, investigou da vida desta e não arranjou melhor vingança do que avisar o industrial do Pôrto, da infidelidade da sua amante. O escândalo, a penhora à casa da actriz, por conta do seu protector, e, passados tempos, esgotados os meios para conseguir dinheiro, muito dinheiro para ofertar ao amante, o francês insaciável, que se lhe escapou para Paris, mal a viu na penúria — ei-la também a caminho da cidade-luz, em busca do fugitivo.

Da dama de sociedade que foi causa

dêste pequenino drama sentimental, sei que passou a freqüentar o «Maxim's», a ocultas da família, entregando-se ao que calhasse, numa ânsia de aturimento que a conduziu, breve, ao caminho da perdição... Hoje é mais uma das muitas que faneiam nos centros de prazer da Lisboa Nocturna.

A girândola final

— Podia citar-lhe mais episódios, novos casos, e todos êles com sumo jornalístico suficiente para interessar os seus leitores. Ficará para a outra vez. Por agora, quero ainda frizar-lhe que Lisboa está recheadinha de mistérios e de enigmas de difícil decifração e com protagonistas estrangeiros.

«Por exemplo: — Conhece o motivo por que os numerosos polacos e polacas que vendem avulso as mais diversas mercadorias pelos «cafés», constituem uma completa maçonaria, com o seu Grã-Mestre, só conhecido pelos «veneráveis» e êstes pelos «iluminados», que, por sua vez, só são conhecidos pelos «oficiais», que, por seu turno, se dão a conhecer aos «aprendizes»?... Não conhece! Pois tem aí matéria de sobra para uma reportagem de sensação...»

«E aquêl comerciante Z... que, auxiliado por uma alemã jovem, fez fortuna, negociando em... carne branca e a quem (ainda hoje se sussurra), vem consignada a «mercadoria» dos mais diversos pontos, para êle a fazer seguir para os portos da América do Norte...»

«E aquêl individuo de óculos à Harold, que freqüenta tôdas as noites o Parque Mayer e se diz coronel do exército espanhol e homiziado político, mas que, no fundo, se sabe que negocia em estupefacientes, faltando todavia as provas para lhe fazer sentir o péso da Justiça?...»

AMÉRICO FARIA

Uma fábrica de títulos, diplomas e medalhas

(Continuação da pág. 4)

demias estrangeiras — o que deixa adivinhar o dedo do sr. marquês de Faremont...

Recordamos vários casos em que a Real Academia Hispano-Americana de Ciências e Artes foi linotipada nas nossas gazetas e ligada à nomeação de sócio de P... T... — arquitecto que apresentou, há pouco, um projecto muito discutido; de um escritor de certa nomeada, de um pintor modernista e ainda de certo actor de mérito autentico e exagerada vaidade. Mas de todos, o mais flagrante é o de um grande arqueologo — recentemente eleito sócio do «Instituto de História Heraldica de França» — *distinção pouco frequente em todos os países — e que, pela primeira vez, era conferida a um compatriota nosso* — afirmavam os noticiarios!

Quantas desilusões êste artigo não irá causar!

RUY PORTUGAL



Director: Reinaldo Ferreira (Reporter X) Administrador: António Beleza
 Redactor-chefe e editor: Américo Faria Propriedade da Imprensa Beleza
 Red., Administ. e Oficinas: IMPRENSA BELEZA, R: da Rosa, 99 a 107—Telef. 2 1622
 Delegação no Porto: Rua de Santo Ildefonso, 86-88 PORTUGAL

ANO I LISBOA, 6 DE DEZEMBRO DE 1934 N.º 3

Semanário de Grandes Reportagens

PLENOAN
 o MELHOR NO
 TRATAMENTO
 DE

 PROSTATITES
 E GLENNORRAGIAS
 AVENDA EM TODA
 A BAZIL
 dep. geral:
 LAM. SILVA CAVALHO - R. DOS TANQUES 106

BRANCO & IRMÃO
Posto Emissor C.S. 1-B.1.

Aparelhos de T. S. F.
 Reparações • Para-Raios • Antenas
 Perlumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88
PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

Livros para todos



Catálogo ilustrado das últimas
 novidades literárias
 Envia-se grátis pelo correio, a quem o pedir à
 Livraria Peninsular Editora.
 Rua Poço dos Negros, 79 — LISBOA

COLOSSAL

O melhor aparelho de T. S. F. em preço e qualidade

PARA TODAS AS ONDAS

Soc. Com. Luso-Americana, Ltd. - Rua da Prata, 145 - Tel. 2 5281 - Lisboa
 RUA SÁ DA BANDEIRA, 339—Tel. 1248—PORTO

Todas as grandes cidades têm um
 café que todos os forasteiros gos-
 tam de visitar; e quando os visitam
 já não se adaptam a outro am-
 biente



São os cafés onde se reúnem os escri-
 tores, os jornalistas, os artistas, todos
 os intelectuais de quem se fala e dis-
 cute, toda a gente que marca pelo seu
 valor e que forma a elite

PALLADIUM

O Café mais moderno e higiénico de Lisboa

O único com luz difusa e renovação constante de ar pelo sistema de aspiração
 O PALLADIUM serve uma pastelaria de esmerado fabrico e original apresentação
 O seu café à chavena é o mais deliciosamente aromático e a sua pureza
 destaca-se entre todos os cafés

CAFÉ 100 % CAFÉ

AVENIDA DA LIBERDADE, 1—Telefone 2 8395